

Exposição em SP mostra computação quântica e inteligência artificial



A vanguarda da ciência e a expressão artística contemporânea se encontram mais uma vez no tradicional Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (File), que ocorre a partir desta quarta-feira (3) no Centro Cultural Fiesp, na capital paulista.

O evento, que explora a intersecção entre arte e tecnologia e fomenta espaços de exposição e de debates sobre inovações artísticas impulsionadas por tecnologias inovadoras, está completando 25 anos de existência. Nesta edição, trabalha especialmente com a computação quântica e a inteligência artificial sintética.

Com o tema QUBIT AI - quantum & synthetic ai, a mostra tem curadoria de Ricardo Barreto e Paula Perizzinotto.

"O Qubit é relativo à computação quântica e o AI é relativo à inteligência artificial", explicou Paula Perissinotto, co-organizadora e co-curadora do festival. "O Qubit é o bit da computação quântica [uma unidade básica de informação usada para codificar dados em computação quântica].

Normalmente, a computação tem como bit [menor unidade de informação em sistemas digitais] o 0 ou 1. Já a computação quântica tem o Qubit; que é mais do que 0 e 1, ele é o 0 ou 1 sobreposto, emaranhado, enfim, é outra computação. Os sintéticos, por sua vez, são as inteligências artificiais, obras que foram construídas por inteligência artificial com comando humano", disse ela em entrevista à **Agência Brasil**.

São Paulo - Vanguarda da ciência e expressão artística contemporânea se encontram no tradicional Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (File) na capital paulista. Foto: Eloise Coomber/Divulgação

“As pessoas vão encontrar aqui [na exposição] uma camada de tudo. Uma camada digital, que já faz parte do file e que agora está se revelando como um passado, até experiências estéticas ainda muito rudimentares no que tange à computação quântica, que são os primórdios da computação quântica. Além disso, há também um computador quântico que estará aqui como objeto e que, na verdade, é uma carga enorme de refrigeração que guarda uma coisa pequeninha. E também aqui as pessoas vão encontrar bastante conteúdo produzido, os chamados sintéticos, tanto estéticos quanto físicos: filmes, experiências arquitetônicas sintéticas e sonoras”, afirmou Paula.

Os visitantes da mostra poderão não só contemplar diversas dessas experimentações como também interagir com algumas instalações, vídeos e esculturas digitais.

São Paulo - Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (File), no Centro Cultural Fiesp, na capital paulista - Foto Paul Grunder/for & Leonhard Peschta/The Sea/Divulgação

Obras

Algumas das obras em exposição são bastante interativas ou imersivas. Entre elas a instalação *Ego*, em que sua imagem é projetada e distorcida na parede como se fosse um desenho primitivo, mas sempre acompanhando os movimentos de seu corpo. Outra obra é *The Forgettable Art Machine*, que captura a imagem do público e inicia um processo de análise dentro de seu banco de dados, encontrando a imagem de alguma obra de arte ou fotografia que se assemelhe àquela que foi produzida por você.

“Há ainda uma experiência dos sintéticos sonoros, onde a pessoa coloca um fone de ouvido e pode circular por três vidros, mudando o som a cada passo que dá em frente de outro vidro. Há também a obra do Marc Vianova, uma experiência estética digital, em que ele faz capturar de sons de cachoeira, a vibração desse som movimento fibrilares e cria toda uma relação. Essa obra é interativa, as pessoas podem tocar, sentir a vibração e também criar uma forma estética. Tem também a gaiola, que é uma experiência de realidade virtual muito interessante e que te transporta para dentro dela”, acrescentou a curadora.

Em entrevista à **Agência Brasil**, o artista espanhol Marc Vilarou explicou sua obra chamada *Cascade*, que é uma reflexão sobre como as mudanças climáticas afetam o ecossistema. "Cascade é uma instalação em que trabalho com frequências infrassônicas. As cachoeiras produzem sons que são muito baixos. Os humanos não podem ouvi-los, mas há espécies, como as aves, que ouvem essas ondas infrassônicas da cachoeira e as utilizam para navegar quando fazem migrações de longa distância".

"O que fica aqui foi gravar com um gravador especial essas ondas infrassônicas dos coqueiros. Foi ao Niágara, no Canadá, em busca de grandes coqueiros e onde também já fora Fez do Iguaçu, aqui no Brasil. O que faço é tentar reproduzir essas frequências por caixas de som. E essa vibração é traduzida em fibra óptica, luminiscente, que desce, permitindo ver o som cair, ver as vibrações do som cair pela fibra óptica. Você consegue ver esse som, sentir esse som e toca-lo. O público está convidado a interagir com a peça, atravessá-la e tocar essas vibrações com a pele".

Arte e ciência

São Paulo - Festival Interacional de Linguagem Eletrônica (File), no Centro Cultural Piers, na capital paulista - Foto **Thales Leite/Divulgação**

Foi a primeira vez que uma imagem foi capturada por um feixe de luz sem que ele tenha interagido com o objeto fotografado.

"Produzimos ali uma foto, a imagem de um objeto pelo qual a luz captada pela câmera não passou. Geralmente, para se fazer uma foto, você joga uma luz em um objeto e essa luz é refletida e captada pela câmera ou pelo seu olho. Mas, nesse caso, a gente tinha dois feixes de luz, na verdade fotões, emaranhados. Um deles passa pelo objeto a ser fotografado e o outro gera imagem. Então, o que é captado pela câmera nunca passou pelo objeto e a luz que passou pelo objeto não vai até a câmera. E como se fosse uma foto deslocada no espaço", explicou a cientista.

Aqui, uma técnica utilizada foi apresentada como uma arte, mas ela tem potencial para ser utilizada e aplicada em áreas como a medicina para diagnósticos de imagem. Para Gabriela, é interessante como um trabalho desenvolvido para avanço científico de uma área que, em teoria, não estaria em uma exposição de arte, acaba em uma mostra artística. “Ele acaba aqui instigando a pergunta do que seria uma nova geração de fotografia e vídeo. O que seria a imagem de pós-revolução tecnológica digital? Já me perguntaram se ele é analógico ou digital. Mas essa discussão não faz sentido porque é de outra ordem, outra lógica. Estou aqui só mostrando um pouco a ideia, mas o que está por trás tem uma mudança até de paradigma de como a gente pode fazer imagens técnicas e científicas de coisas que nós interessamos e que são inacessíveis com as câmeras que temos disponíveis”, afirmou.

Todas essas obras poderão ser vistas gratuitamente no festival até o dia 25 de agosto. Mais informações podem ser obtidas no [site do File](#) ou do [Centro Cultural Fiesp](#).